

## CICATRIZES DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA EM MOÇAMBIQUE: UMA BREVE ANÁLISE DE *NÓS MATAMOS O CÃO-TINHOSO*, DE LUÍS BERNARDO HONWANA

**Zidelmar Alves Santos**  
(PPGLL/UESC – Mestrado)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<b>Zidelmar Alves Santos</b> é mestre em Letras: Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC (2019), Ilhéus, Bahia. Possui Graduação em História (2011) e Especialização em História do Brasil (2014) pela mesma instituição. E-mail: <a href="mailto:zid175@hotmail.com">zid175@hotmail.com</a>

RESUMO	ABSTRACT
Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a obra <i>Nós matamos o cão-tinhoso</i> (2014), livro de contos de autoria do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana. A obra foi publicada em 1964, no ano em que estourou a luta pela independência de Moçambique da opressão colonial portuguesa. O racismo, a violência contra a mulher, o desrespeito ao idoso e a segregação promovida pela colonização são alguns dos temas abordados nos sete contos que compõem a obra. Os contos de Honwana, dessa forma, denunciavam as mazelas da colonização, despertando no povo moçambicano um sentimento anticolonial em um cenário de conflitos que duraram cerca de dez anos. Como referencial teórico, os trabalhos de Albert Memmi (2007) e Fantz Fannon (1968) orientam a leitura e percepção acerca da problemática da colonização, visto que esses pensadores também viveram em países subjugados por esse sistema, escrevendo suas obras a partir de suas próprias experiências de vida nessas colônias.	This paper aims to reflect on the work <i>We killed the mangy-dog</i> , a short storybook written by the mozambican writer Luís Bernardo Honwana (2014). The book, published in 1964, came in the year in which the struggle for Mozambique's independence from portuguese colonial oppression broke out. Racism, violence against women, disrespect for the elderly, and the segregation promoted by colonization are some of the themes addressed in the seven stories that make up the work. Honwana's tales thus denounced the wounds of colonization, arousing in the Mozambican people an anticolonial feeling in a scenario of conflicts that lasted for about ten years. As a theoretical reference, the works of Albert Memmi (2007) and Fantz Fannon (1968) orient the reading and perception about the problem of colonization, since these thinkers also lived in countries subdued by this system, writing their works from their own life experiences in these colonies.

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Literatura moçambicana em língua portuguesa; Estudos pós-coloniais; Luís Bernardo Honwana.	Moçambique; Postcolonial studies; Luiz Bernardo Honwana.

## INTRODUÇÃO

“[...] Claro que isso não era nada que se comparasse àquilo do bar, de há bocado, de todos os outros bares, restaurantes, átrios de cinemas ou quaisquer outros lugares no gênero em que todos me olhavam duma maneira incomodativa, como que a denunciar em mim um elemento estranho, ridículo, exótico e sei lá o que mais [...]” (Luís Bernardo Honwana).<sup>1</sup>

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise da obra *Nós matamos o Cão-Tinhoso*, de autoria do escritor moçambicano Luís Bernardo Honwana. A obra, publicada em 1964, constitui-se em uma coletânea de contos que foi lançada quando iniciava-se o movimento organizado de luta armada pela libertação de Moçambique do domínio colonial português.

Luís Bernardo Honwana nasceu no ano de 1942 na cidade de Lourenço Marques, capital que teve seu nome mudado para Maputo após a independência política do país pois<sup>2</sup>“Era de uma pequena burguesia africana letrada” (MENDONÇA, 2014, p. 7) e, quando da publicação da obra em questão, trabalhava como jornalista, colaborando com vários jornais. Dentre eles destacam-se os periódicos: *Notícias*, *A Tribuna*, *Voz de Moçambique*, *Diário de Moçambique* e *A Voz Africana* (MENDONÇA, 2014, p. 3-4).

Militante da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) no ano de 1964, Honwana utilizou a literatura como forma de protesto contra o jugo colonial português. A luta armada pela independência de Moçambique se iniciou naquele ano e estendeu-se até 1974. A independência do país africano foi reconhecida no ano seguinte (CABAÇO, 2007, p. 426).

O martinicano Frantz Fanon, ao discorrer sobre os processos de descolonização no Terceiro Mundo ressalta que:

A existência da luta armada indica que o povo está decidido a só depositar confiança nos meios violentos. Ele, de quem sempre se disse que só compreendia a linguagem a força, resolveu exprimir-se pela força. Com efeito, o colono jamais deixou de lhe mostrar o caminho que devia ser o seu se quisesse conquistar a emancipação. O argumento escolhido pelo colonizado foi-lhe indicado pelo colono e, por uma irônica reviravolta das coisas, o colonizado é quem agora afirma que o colonialista só entende a força (FANON, 1968, p. 65).

<sup>1</sup> HONWANA, Luís Bernardo. *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*. São Paulo: Ática, 1980.

<sup>2</sup> É importante salientar que essa mudança de nome se justifica pelo fato de Lourenço Marques ter sido uma figura associada à colonização portuguesa. A escolha do nome Maputo homenageia um rio local.

No caso moçambicano, foram mais de quatro séculos de dominação. Era chegada a hora de lutar e por em prática o “aprendizado” adquirido ao longo desse tempo sofrido. As guerras de independência em outras colônias portuguesas nos anos 1960, como Angola e Guiné-Bissau, também mostraram o caminho, já que se iniciaram antes do movimento moçambicano. De acordo com André Milhomem Franco, “Honwana foi preso pelo governo português em 1964, e libertado três anos depois em 1967” por conta de sua ativa participação no movimento pela independência de Moçambique (FRANCO, 2002, p. 13). Sua produção literária foi influenciada, destarte, pelos movimentos que buscavam a libertação das colônias africanas e asiáticas dos países imperialistas.

As obras *Peles Negras, Máscaras Brancas* (2008) e *Os Condenados da Terra* (1968), de Frantz Fanon, e *Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador* (2007), de Albert Memmi, tiveram grande impacto no que diz respeito a tais movimentos. Esses pensadores são considerados precursores dos chamados estudos pós-coloniais, que, conforme aponta Heloisa Toller Gomes, trata-se de um “conjunto de estratégias interpretativas voltadas para a rica diversidade de práticas culturais que caracterizam as sociedades colonizadas ou egressas da colonização europeia, desde o momento inicial da colonização, no alvorecer da modernidade, com a expansão marítima europeia, até o presente” (GOMES, 2006).

Os autores dessas obras possuem em comum o fato de o colonialismo ter marcado suas vidas, o que, de certa forma, os aproxima de Honwana. Memmi, por exemplo, “passou por tremendas dificuldades em campo de trabalhos forçados da Tunísia” nos anos 1940 (VAINFAS, 2008, p. 9). Já Fanon decidiu “participar ativamente da luta pela libertação e independência da Argélia frente à França” (FONSECA, 2015, p. 05).

A obra de Honwana, dessa maneira, conseguiu representar aspectos da sociedade moçambicana marcada pelo colonialismo português, o que, naquele período, despertou no leitor moçambicano um forte nacionalismo. Também contribuiu com um estilo inovador no que diz respeito a sua escrita literária, ao intercalar palavras de idiomas locais com a língua portuguesa. Sua obra influenciou e continua influenciando novas gerações de escritores.

## NÓS MATAMOS O CÃO-TINHO

*Nós Matamos o Cão-Tincho* é composto por sete narrativas curtas, a saber: “Nós Matamos o Cão-Tincho”; “Inventário de Imóveis e Jacentes”; “Dina”; “A Velhota”; “Papá, Cobra e Eu”; “As Mãos dos Pretos”; e “Nhinguitimo”. Essas narrativas fizeram muito sucesso e ganharam o mundo, principalmente após a publicação da coletânea em inglês sob o título *We Killed the Mangy-Dog and Other Stories*.

Bernardo Honwana, embora tenha escrito a referida obra em português, sempre utiliza palavras de algum dos idiomas locais. As palavras *dina* e *nhinguitimo*, título de dois de seus contos, e *machamba*, são exemplos. Provavelmente essas palavras são do idioma Ronga, que é bastante falado em Maputo, visto que o próprio autor assume a pretensão de explorar as duas línguas: “eu sou uma pessoa bilíngue, tenho esta questão complicada comigo: eu falo Ronga e falo Português. Tenho a pretensão de poder explorar os limites da expressividade e da elaboração mental quer de uma língua, quer de outra” (HONWANA apud MENDONÇA, 2014, p. 13).

Outro recurso utilizado por Honwana é a repetição de frases semelhantes em momentos distintos no mesmo conto, de modo a cadenciar a narração, chegando a criar no leitor um certo suspense, pois a utilização desse recurso marca a mudança de uma parte do conto para outra. Um exemplo pode ser visto no início do conto *Nhinguitimo*, no tópico “As rolas”, no qual o autor apresenta os pássaros que aparecem nas *machambas*: “De vez em quando duas, três rolas, seis no máximo, destacam-se da trajetória do resto do bando e pousam nas machambas para provar os grãos”. (HONWANA, 2015, p. 105).

Ao finalizar o mesmo tópico, reutiliza esse recurso: “Duas ou três rolas, seis no máximo, perfuram nervosamente o espaço por sobre as *machambas*, avisando dos perigos da tempestade e conduzindo a retirada” (HONWANA, 2015, p. 105).

Continua com essa estratégia ao longo do conto, utilizando este recurso pela última vez ao fim do tópico que precede a conclusão da história:

Perfurando nervosamente a poeirada, duas ou três rolas, talvez seis, sobrevoaram os trabalhadores em círculos apertados. Depois do aviso frenético, as rolas rumaram para as grandes florestas do outro lado do rio, fugindo do ‘nhinguitimo’ (HONWANA, 2014, p. 120).

A representação da sociedade, contudo, é o traço mais marcante na obra do escritor moçambicano. De acordo com Sandra Sousa (2014, p. 236), a obra de Honwana deve ser compreendida no contexto da política internacional “em que o continente africano começa a se libertar do jugo colonial, e da política nacional, em que a censura começa a ficar mais apertada nas colônias, uma vez que se pretendia a todo custo evitar a independência”. Assim, a exploração colonial, a segregação racial e a opressão exercida pelos aparelhos do Estado são destacadas nos contos.

As formas de resistência também podem ser notadas, pois os pássaros que sobrevoam as plantações podem ser percebidos, metaforicamente, como estando ali para avisar ao povo que a revolução está chegando. Alguns meses após a publicação do livro a luta armada pela independência iniciou-se.

No conto homônimo “Nós Matamos o Cão-Tinhoso”, que abre a coletânea,

Honwana debruça-se sobre a vida e morte de um velho cão sarnento de olhos azuis, cheio de cicatrizes, feridas, e pelugem branca. O autor aponta a existência de outros cães na história, contudo, demonstra que eles eram indiferentes ao Cão-Tinhoso, pois sempre zangavam-se com a passividade deste e “punham-se a ladrar, mas como ele não dissesse nada e só ficasse para ali a olhar, viravam-lhes as costas e voltavam a cheirar debaixo do rabo uns dos outros e a correr” (HONWANA, 2014, p. 23).

A desventura do Cão-Tinhoso vai girando em torno de duas crianças, os personagens Ginho, que narra o conto, e Isaura, que sempre o protege de tudo e todos. A associação da figura do Cão-Tinhoso a do colonizador europeu pode constituir-se em uma possível leitura para essa narrativa. Nessa perspectiva, a personagem Isaura, criança colonizada, cresce espelhando-se nas características do colonizador, chegando a defendê-lo. Todavia, as cicatrizes e feridas do Cão-Tinhoso revelam que ele foi explorado ao longo de toda sua vida, afinal, é um cão velho e cansado. Isso demonstra que a citada possibilidade interpretativa, embora possível, não se sustenta, pois as cicatrizes do Cão-Tinhoso demonstram oposição aos desmandos do colonizador.

Seus olhos azuis podem ser entendidos como os olhos da mistificação, da aceitação da ideologia da classe dirigente, que explora e recusa tudo relacionado ao colonizado, indivíduo que há décadas confronta-se com uma imagem negativa de si mesmo. Albert Memmi (2007, p. 125), demonstra que ao confrontar-se constantemente com essa imagem negativa, imposta tanto pelas instituições quanto nas relações sociais, o colonizado, de certa forma, acaba cedendo e aceitando-se como tal. No conto e análise, seria o Cão-Tinhoso o moçambicano que, após ter sido submetido à extrema violência, aceita sua condição.

Honwana revela que os olhos de Isaura “não eram azuis, mas eram grandes e olhavam como os olhos do cão tihoso – como uma pessoa a pedir qualquer coisa sem querer dizer” (HONWANA, 2014, p. 28). O Cão-Tinhoso seria o semelhante dela: dois indivíduos pedindo socorro em uma sociedade excludente e discriminatória. A morte do Cão-Tinhoso simbolizaria, desse modo, a morte do moçambicano colonizado, passivo, que tem consciência das injustiças sofridas, mas não podia fazer nada para mudar sua triste situação.

No conto seguinte, “Inventário de Imóveis e Jacentes”, somos apresentados à típica família moçambicana e sua residência. Honwana, através dos olhos de mais um jovem personagem-narrador, expõe os cômodos da casa, os móveis, a alimentação, como são servidas as refeições, tudo de forma bastante simples. Não obstante, descobrimos que o pai do narrador já foi presidiário e que está doente, o que nos faz levantar algumas questões: seria uma prisão política por conta de uma possível militância do pai do narrador do conto? Está doente por causa de trabalhos forçados? Ou teria sofrido tortura

na cadeia? Essa narrativa, ainda que simples, permite o levantamento de importantes questões, pois “faz com que o leitor entre no território do não dito, daquilo que o conto não relata, da verdadeira situação que não está a ser contada” (HERNÁNDEZ, 2015, p. 99).

Já em “Dina” a completa exploração e humilhação dos trabalhadores nas *machambas*. Madala, personagem principal desse conto, sofre com a idade, com o trabalho forçado nas plantações moçambicanas e com o sol escaldante a intensificar suas enfermidades. A riqueza e fertilidade da terra se sobressaem. Mas a ideia de uma riqueza nacional explorada pelo estrangeiro fica igualmente nítida.

O capataz, além de explorar os trabalhadores na *machamba*, acaba explorando sexualmente a filha de Madala, que aparecera no acampamento para ver seu pai no intervalo do almoço. Madala não reage, não fala nada, nem quando seus companheiros oferecem ajuda. Entretanto, não significa que ele foi indiferente àquela situação, visto que,

a revolta, ainda que não verbalizada, se materializa em gestos contidos e fica expressa até na maneira como o autor articula o diálogo do personagem principal com a natureza. Uma figura metafórica recorrente no conto ‘Dina’ é o manuseio da planta arrancada pelo Madala nos seus momentos de maior tensão (SANTANA, 2014, p. 18-19).

De acordo com Isaías Santana (2014, p. 18), Honwana “acaba por mostrar que, embora o oprimido aceite a imposição, ele tem plena consciência do direito que lhe está sendo tirado ou do valor social que está sendo corrompido”. O desrespeito ao idoso e à mulher por parte do colonialista é evidente.

Em “A Velhota”, outra situação degradante é revelada quando o narrador-personagem conta seu sofrimento por apanhar e ser vítima de preconceitos constantemente. Tinha que manter a aparência quando chegava a sua casa por causa da responsabilidade em cuidar da “velhota e dos miúdos”:

Eu não consegui bater o tipo porque ele era todos os outros, e exatamente com isso que ele me bateu. [...] Eu precisava ir para casa. Ia comer arroz e caril de amendoim como eles queriam que fizesse, mas não para encher a barriga. Eu precisava de ir para casa para encher meus ouvidos de berros, os olhos de miséria e a consciência de arroz com caril de amendoim (HONWANA, 2014, p. 80).

No fim do conto, ele confessa essa situação para a velhota, após os miúdos terem ido dormir, ao passo em que ela retruca “quem foi? Mas isso não é tudo, tu tremes...”. O jovem responde: “Sim, isso não é tudo. E até não é nada. Eles fizeram-me pequenino e conseguem que eu me sinta pequenino. Sim, é isso. Isso é que é tudo”. A velhota

responde como se não soubesse do que ele estava falando: “Bem, acho que o melhor é não querer saber disso para nada, porque não percebo nada do que tu dizes...” (HONWANA, 2014, p. 83). Fica nítido para o leitor o contraste entre a inconformação do jovem e a resignação e falta de apoio de quem deveria ampará-lo.

O conto “Papá, Cobra e Eu” descreve a tensa relação social entre colonizador e colonizado, visto que, quando Lobo, cachorro do Sr. Castro, é morto após ser picado por uma cobra no quintal do Sr. Tchembene, sobram ameaças por parte do colono, que desconsidera o fato de serem vizinhos e se conhecerem “há tanto tempo” (HONWANA, 2014, p. 96). Um detalhe interessante nessa narrativa é que Lobo está no grupo de cães que destrata o Cão-Tinhoso o que é indicativo de que eram representantes dos colonizadores.

“As Mãos dos Pretos”, um dos contos mais conhecidos de Honwana, traz à tona a questão do racismo quando, mais uma vez, uma criança se lança a narrar e atuar no conto. Esse recurso narrativo é predominante na coletânea. A busca da explicação do porque de as palmas das mãos dos pretos serem mais claras que o resto do corpo faz o pequeno narrador encontrar várias versões, sempre com tons racistas, não percebidos por ele.

A mãe do narrador é quem dá a ele e ao leitor a explicação mais plausível, que celebra a igualdade entre os seres humanos: “Deus fez os pretos porque tinha de os haver” (HONWANA, 2014, p. 102). Depois se arrependeu por que os “outros homens se riam deles e levavam-nos para as casas deles para os por a servir como escravos ou pouco mais” (HONWANA, 2014, p. 102). Deste modo, fez com que as mãos dos pretos ficassem iguais as mãos dos outros homens “para mostrar que o que os homens fazem, é feito por mãos iguais” (HONWANA, 2014, p. 102).

Por fim, o conto “Nhiguitimo” mostra como o colonialista faz de tudo para que o colonizado não melhore de vida, negando qualquer possibilidade de ascensão social. O colonizador, como diz Albert Memmi, “se transformou em usurpador, pois criou um espaço para si e tomou o do habitante; se impôs privilégios em prejuízo de quem os tem direito. Se tornou um privilegiado e um privilegiado não legítimo” (MEMMI, 2007, p. 42). O personagem Vírgula-Oito, por exemplo, trabalha na *machamba* do Rodrigues, mas ele tem a sua própria *machamba* e faz planos para aumentar seu negócio. Contudo, Rodrigues faz de tudo para prejudicá-lo, condenando-o à morte para que outras pessoas não se inspirassem no seu crescimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Além da miséria, da fome, do desrespeito aos idosos e às mulheres, da destruição de famílias, da desvalorização das culturas locais, da violência gerada pela dominação portuguesa, com uma intensa exploração do trabalhador ao longo de mais de quatro séculos, a colonização deixou outras cicatrizes, pois mesmo após a independência de Moçambique, em 1975, seu povo continuou lutando em uma guerra civil que durou cerca de 15 anos.

Ao demonstrar como a sociedade moçambicana foi e continua sendo marcada pela colonização portuguesa, em um regime racista e explorador que privava as pessoas da liberdade em seu sentido mais amplo, a obra *Nós Matamos o Cão-Tinhoso*, de Luís Bernardo Honwana, se tornou um dos maiores exemplos de como a literatura pode servir como denúncia e combate às injustiças sociais, motivo pelo qual continua influenciando novos autores e inspirando novas pesquisas sobre o mundo pós-colonial.

## REFERÊNCIAS

- CABAÇO, José Luís de Oliveira. **Moçambique: identidades, colonialismo e libertação**. 2007. 475 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social) - Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2007.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Tradução de José Laurênio de Melo. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1968.
- \_\_\_\_\_. **Peles negras, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FONSECA, Danilo Ferreira. Colonialismo, Independência e Libertação em Frantz Fanon. **Revista África e Africanidades**, ano 7, n. 19, p. 1-19, abr. 2015.
- FRANCO, André M. **Palavras em Revolução: o uso político das figuras de linguagem em três contos de Nós Matamos o Cão-Tinhoso**. A Thesis Submitted to the Graduate Faculty of The University of Georgia in Partial Fulfillment of the Requirements for the Degree Master of Arts. The University of Georgia. Athens, Geórgia, 2002.
- GOMES, Heloisa Toller. Crítica Pós-Colonial em Questão. **Revista Z Cultural**, Programa Avançado de Cultura Contemporânea da UFRJ, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/critica-pos-colonial-em-questao-de-heloisa-toller-gomes/>>. Acesso em: jun. 2017.



HERNÁNDEZ, Rebeca. A vida é um bem precioso: “Inventário de imóveis e jacentes”, de Luís Bernardo Honwana, “Os Objetos”, de Lygia Fagundes Telles e *Vanitas, 51 Avenue d’Iéna*, de Almeida Faria. In: FEIJÓ, Elias J. Torres; VÁZQUEZ, Raquel Bello; SAMARTIM, Roberto; BRITO-SEMEDO, Manuel. (eds.). **Estudos da AIL em Teoria e Metodologia: Relacionamento nas Lusofonias II**. AIL: Santiago de Compostela; Coimbra, 2015. p. 97-104.

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós Matamos o Cão-Tinhoso**. São Paulo: Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. **Nós Matamos o Cão-Tinhoso**. Maputo: Alcance Editores, 2014.

MEMMI, Albert. **Retrato do Colonizado Precedido Pelo Retrato do Colonizador**. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira 2007.

MENDONÇA, Fátima. Prefácio: palavras (des)necessárias. In: HONWANA, Luís Bernardo. **Nós Matamos o Cão-Tinhoso**. Maputo: Alcance Editores, 2014. p. 3-15.

SANTANA, Isaías Santos de. **Conto “Dina” de Luís Bernardo Honwana: análise sob a ótica de valores das sociedades africanas**. 2014. 24 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Português) — Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

SOUSA, Sandra I.. **Ficções do Outro: império, raça e subjectividade na Moçambique colonial**. Lisboa: CLEPUL, 2014. (coleção teses).

VAINFAS, Ronaldo. Psicologia Colonial: ensaísta tunisiano oferece instrumentos para entender a dificuldade atual de europeus em viver em sociedades cada vez mais plurirraciais. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 06 jan. 2008. Caderno Mais, p. 09. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0601200817.htm>>. Acesso em: maio 2017.



Título em Inglês:  
SCARS OF PORTUGUESE COLONIZATION IN MOZAMBIQUE: A  
BRIEF ANALYSIS OF *WE KILLED THE MANGY-DOG*, BY LUIS  
BERNARDO HONWANA

INVENTÁRIO